

Um monte de mudanças nessa construção: sintaxe e semântica do quantificador ‘um monte de’ no português

A lot of changes in this construction: syntax and semantics of the quantifier ‘um monte de’ in Portuguese

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i1.19332>

Karen Sampaio Braga Alonso

Professora Adjunta do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ. Substituta Eventual do Diretor de Cultura e Extensão da Faculdade de Letras da UFRJ (2018). Possui graduação em Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002), Mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005), Doutorado em Linguística pela UFRJ (2010) e pós-doutorado na área de Linguística na Universidade da Califórnia (Berkeley). Docente do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ. Docente do Mestrado Profissional em Letras da UFRJ (PROFLETRAS, disciplina: Gramática, variação e ensino). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: construcionalização; construção gramatical; Linguística Histórica, Linguística e Linguística Funcional.

E-mail: karensampaio@letras.ufrj.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7853-0015>

Nuciene Caroline Amphilophio Fumaux

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ. Mestra em Linguística pela UFRJ.

E-mail: carol.fumaux@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4593-0194>

RESUMO

O artigo apresenta uma discussão a respeito dos usos da cadeia sintagmática *um monte de* seguida de SN numa perspectiva construcional. Defende-se a tese, baseada na teoria de mudança linguística proposta por Traugott e Trousdale (2013), de que haja uma microconstrução mais nova na história do português – *um monte de* [SN]– dentro do esquema dos quantificadores. Essa microconstrução se formou a partir de usos mais periféricos da construção [um [monte] de SN]. Segundo os autores, no caso de mudança gramatical, há aumento de esquematicidade e de produtividade e diminuição de composicionalidade. Para verificar esses três parâmetros, foram considerados seis testes que verificam tanto aspectos formais como semântico-pragmáticos, com o intuito de demonstrar que *um monte de* quantitativo funciona sintaticamente como modificador de SN – [*um monte de* [SN]].

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de construções. Quantificadores. Construcionalização. Um monte de SN.

ABSTRACT

The article discusses the uses of the syntagmatic chain *um monte de* followed by NP from a constructional perspective. The analysis is based on the theory of linguistic change proposed by Traugott and Trousdale (2013), that there is a new micro-construction – *um monte de* – in the history of Portuguese within the quantifier schema. This micro-construction has been developed from the peripheral uses of the specifying construction [*um [monte] de*]. According to these authors, grammatical constructionalization involves increase in schematicity and productivity and decrease in compositionality. In order to verify that, six formal and semantic-pragmatics tests were considered, so it can be demonstrated that *um monte de* is a NP modifier – [*um monte de* [NP]].

Keywords: Usage-based Models of Language. Construction Grammar. Quantifiers. Constructionalization. Um monte de SN.

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise dos usos da cadeia sintagmática *um monte de* seguida de SN, no sentido de vinculá-la a duas construções gramaticais diferentes, historicamente relacionadas (com base em FUMAUX, ALONSO E CEZARIO, 2017). A mais recente historicamente teria uma função quantificadora, como nos casos de *um monte de cadeiras* (no sentido de *muitas cadeiras*); a outra, com função especificadora, aparece em *um monte de Lisboa* (significando um monte que se localiza em Lisboa e, assim, *Lisboa* especificando de qual monte se fala).

Assumindo uma abordagem construcionista (cf. GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001, TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013) da língua, procurar-se-á levantar argumentos de cunho formal bem como semântico-pragmático, na direção de se confirmar a hipótese de que os usos quantificadores são associados a uma microconstrução gramatical específica. O objetivo principal é discutir se há de fato na língua uma nova microconstrução *um monte de [SN]*, em que o *chunk* *um monte de* atuaria como um modificador de SN na construção. Para isso, pretendemos verificar se a construção quantificadora possui um núcleo sintático diferente do da construção especificadora.

Para o cumprimento deste objetivo, a cadeia sintagmática *um monte de*, em contexto de quantificação, foi submetida a seis testes de cunho sintático-semântico, a saber: (1) substituição por elemento quantificador; (2) retomada anafórica; (3) concordância verbal; (4) possibilidade de apagamento do núcleo; (5) valor adverbial; (6) substituição por *montão*. Esses testes procuraram sustentar, alinhados ao arcabouço teórico definido, a tese de que *um monte de SN* quantitativo possui, além de sentido, um núcleo sintático diferente de um monte de SN com valor especificador: [*um monte de [canetas]*] versus [*um [monte] de Armênia*].

Toda a argumentação travada está pautada nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Isso significa que a análise se pauta em uma tese a respeito da natureza do conhecimento linguístico, a saber, a de que esse é, necessariamente e em sua totalidade, advindo do uso, ou seja, da experiência do falante com a língua. Nesse sentido, o sistema linguístico está sempre sendo afetado e modificado pelo uso. Essa maleabilidade do sistema é uma das premissas básicas dentro de uma abordagem construcionista à luz dos modelos baseados no uso e norteia as análises da pesquisa que aqui se apresenta.

Restringida, portanto, a base teórica em que esta proposta se fundamenta, tomam-se, a seguir, dois exemplos¹ que ilustram usos de *um monte de SN*, que compõem o escopo do presente trabalho.

¹ Retirado do **corpus do Português**, ferramenta que disponibiliza dados da Língua Portuguesa do século XIII até o presente. O corpus, disponível em www.corpusdoportugues.org, oferece uma base para análise diacrônica de 45 milhões de palavras e uma base de dados intitulada **Web/Dialetos** de 1 bilhão de palavras. O **Corpus do Português** é a base de dados à qual recorreremos para ilustrar usos passados do escopo deste trabalho. Futuramente, pretende-se usá-lo para

- (1) “Guar-te de praguejar de homês poderosos porque t oras hehû **monte de africa**. Onde foy enforcado daphitasgrãmatico 4 porque dezia mal dos reys em verso” (*Corpus do português, século XVI*)
- (2) O futebol profissional envolve muito dinheiro. Todos querem ganhar, se não ganham gera-se **um monte de problemas** porque há muita gente implicada, muitos interesses. O relacionamento humano é radicalmente diferente. (*Corpus do português, século XX*)

É possível perceber no exemplo (1) – *hû monte de africa* – que a construção nos informa em que lugar o monte/morro está localizado. Conforme mencionado, é o uso a que chamamos de especificador, pois identifica/ especifica o referente *monte* a partir de aspectos como sua localização, por exemplo. Usos como esse podem ser encontrados na língua associados a uma série de estruturas sintagmáticas variáveis em termos de esquematicidade (*N Adj.*, como em *blusa azul, mulher carioca; SN de INF, livro de colorir, água de beber; roupa de sair; SN de SN*; como em *copo de vidro, caderno de atividades, casa de Pedro, monte de Lisboa*), dentre as quais se encontra um dos casos focalizados aqui.

Em (2), observa-se um uso semanticamente associado à ideia de quantificação, no caso, mais detidamente, com a ideia de multiplicação de referentes. A esta construção se pode atrelar uma avaliação subjetiva do falante em relação à quantidade do referente expresso pelo segundo nome (no exemplo, *problemas*). O falante aparentemente avalia a quantidade de problemas em termos de uma alta quantidade, não especificando o número exato. É uma avaliação subjetiva, individual, cultural e situacionalmente dependente e que não poderá ser sujeita a qualquer teste objetivo de medida. Outras construções da língua se assemelham semanticamente a essa, como por exemplo *Indef. SN (muitos livros); SN SP (livro à beça; gente pra caramba); Quantif_{pl} de SN (milhares de pessoas, centenas de problemas)*.

O ponto de partida deste artigo se pautava na tese de Fumaux, Alonso & Cezario (2017) de que *um monte de SN* quantificador se construcionalizou no português, a partir de usos mais periféricos da construção especificadora, ou seja, a partir de usos mais distantes em relação ao uso prototípico especificador inicial. A função quantificadora teria se originado de inferências sugeridas (Traugott & Dasher, 2005) reveladas na crescente frequência dos tipos de SN que passaram a se associar, com o tempo, a um monte de.

exaustivamente validar os já mencionados e outros possíveis testes de cunho sintático-semântico aos quais *um monte de* pode se submeter.

Nesse sentido, a construção especificadora (ilustrada em *um monte de Africa*) seria mais composicional e analisável do que a construção quantificadora (ilustrada em *um monte de problemas*) que lhe é originária. Isso significa dizer que o sentido final da cadeia sintagmática *um monte de Africa* é dedutível da soma dos sentidos de cada uma de suas partes componentes, o que já não parece ser verdade, a partir dos sentidos individuais das partes de *um monte de problemas*.

Com o objetivo de sustentar melhor a hipótese da diferença de núcleo, este artigo contará, além desta seção inicial, de uma seção para maior detalhamento do referencial teórico, seguida de duas mais estritamente voltadas para o tema em questão. Tal análise busca recuperar os parâmetros apresentados por Traugott e Trousdale (2013) para se estudar a formação de uma construção, a saber a composicionalidade, a esquematicidade e a produtividade, conforme será demonstrado mais adiante. Para dar conta desses parâmetros de análise, foram realizados testes que buscam verificar se *um monte de* é uma única unidade linguística, ou seja, um *chunk*, nos termos de Bybee (2010).

1. Linguística funcional centrada no uso

Linguística Funcional Centrada no Uso (ou Linguística Cognitivo-Funcional) pode ser entendida como uma corrente teórica da Linguística oriunda do crescente número de trabalhos que conjugam uma abordagem conceptual da língua com base na virada cognitivista da década de 1980 – mais notoriamente liderada por George Lakoff e Ronald Langacker – com os pressupostos desenvolvidos pela chamada linguística funcionalista norte-americana da Costa Oeste.

De acordo com Bybee (2010), deve-se considerar que o comportamento linguístico é oriundo de habilidades cognitivas gerais e, portanto, não especificamente linguísticas, tais como *chunking*, categorização, analogia, entre outros. Estes aspectos cognitivos se manifestam durante a interação, de modo que demonstram o funcionamento da mente de indivíduos que estão inseridos em um ambiente cultural. Desta forma, postula-se que as categorias linguísticas são frutos da experiência humana com construções e, de modo mais geral, com o mundo (Cf. CEZARIO; FURTADO DA CUNHA, 2013; MARTELOTTA, 2011).

A seguir, será abordado o conceito de construção com referência mais explícita ao que se apresenta nos modelos propostos por Adele Goldberg, em sua Gramática de Construções Cognitiva, e William Croft, em sua Gramática de Construções Radical. No sentido de configurar um paradigma mais amplo que congregue os modelos mencionados, entre outros, recorreremos a Diessel (2015) para tratar da Gramática de Construções Baseada no Uso. Será a partir do entendimento do que seja construção e do modo como as construções se organizam para formar a gramática, que a cadeia sintagmática *um monte de* será tratada no presente artigo.

1.1 A gramática de construções baseada no uso

De acordo com Diessel (2015), as abordagens baseadas no uso se caracterizam por: (i) desafiar a rígida divisão entre uso e sistema linguístico; (ii) abandonar uma divisão estanque entre sincronia e diacronia; e (iii) rejeitar a proposta da existência de primitivos sintáticos.

Ancorada nessa linha de pensamento, Goldberg (1995; 2006) define construção gramatical como um pareamento simbólico de forma e sentido, que engloba combinações de diferentes níveis de complexidade estrutural e esquematicidade. Segundo a autora, um padrão linguístico é reconhecido como construção, desde que aspectos da sua forma ou função não sejam previsíveis a partir de seus constituintes ou a partir de outras construções existentes. Na obra de 2006, ela chama atenção para o fato de que padrões de alta frequência podem ser armazenados, ainda que sejam completamente previsíveis. Logo, o sentido da construção não é depreendido analisando-se palavra por palavra, mas a construção como um todo.

Sendo assim, a língua seria entendida como um inventário de construções, o *construct-i-con*, e **conhecer** uma língua seria **conhecer** suas construções. Nesse sentido, Hilpert (2014) discute quatro estratégias que permitem identificar as construções, são elas:

- (i) olhar para os traços estruturais de uma expressão que se desvia de padrões mais canônicos;
- (ii) compreender que as construções podem ser identificadas com base em significados não-composicionais;
- (iii) entender que restrições idiossincráticas que envolvem significado ou forma servem como um ótimo diagnóstico; e
- (iv) caso as três primeiras estratégias não identifiquem uma expressão como uma construção, as preferências colocacionais podem revelar se a expressão em foco, realmente, tem o status de uma construção.

Diessel (2015) retoma o conceito de signo de Saussure: uma palavra ou lexema é **uma entidade psicológica com dois lados**, um exemplo clássico de signo linguístico. Segundo o autor, em uma abordagem construcionista, a noção de signo é expandida para construções, de modo que, possamos entendê-las como uma unidade gramatical cujo padrão estrutural esteja associado a uma função específica ou significado. E acrescenta que o termo ‘construção’ pode ser aplicado a lexemas particulares, tais como as expressões idiomáticas e expressões pré-fabricadas, além de categorias abstratas ou *slots* que podem ser preenchidos.

Embora muitos autores assumam a palavra ou até morfemas como construções, Diessel (2015) considera como construções aquelas unidades gramaticais que contenham pelo menos dois elementos. Goldberg e Casenhiser (2006), por sua vez, apontam que o termo ‘construção’ pode ser aplicado a morfemas, palavras, incluindo morfemas individuais e raízes, expressões idiomáticas e padrões de frases maiores, parcialmente ou totalmente preenchidos.

Assumindo o pressuposto de que a língua é uma rede de pareamentos de forma e sentido, ou seja, uma rede de construções, esta pesquisa pauta-se no exposto em Traugott e Trousdale (2013) para a exposição de alguns princípios basilares, a saber: (i) a construção, que é um pareamento de forma e significado, é a unidade básica da gramática; (ii) a língua é uma rede de nós e ligações entre nós; e (iii) a estrutura da língua é moldada pelo uso.

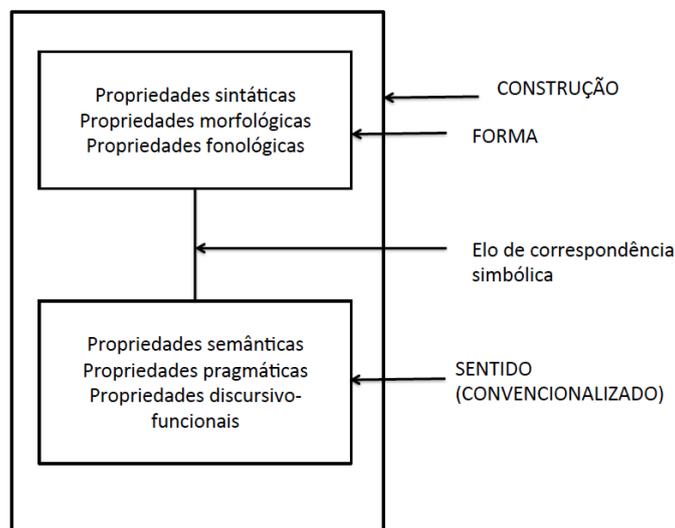
O conceito de microconstrução apresentado em Traugott (2007, p.3) vem na esteira da Gramática de Construções Radical de Croft (2001), em que o autor ressalta a dinamicidade da língua tanto no nível micro – do uso – quanto no nível macro, mais amplo. É o que se pode ver a seguir:

- (i) macroconstruções, que cobrem o nível esquemático máximo (por exemplo, construções quantificadoras);
- (ii) mesoconstruções, que correspondem ao *conjunto* de construções que apresentam comportamento semelhante (*um monte de SN + uma cambada de SN + uma cacetada de SN* etc.);
- (iii) microconstruções, que são tipos *individuais* de construções (*um monte de SN, uma cambada de SN* etc.)

Procura-se, a partir daí, avaliar a possibilidade de a microconstrução **um monte de SN** apresentar não apenas uma nova função (quantificadora) na língua, mas sobretudo se associar a uma estrutura sintática distinta, cuja diferença está focada, como já dito, no elemento que se configura como o núcleo do sintagma nominal, a saber: [um [monte] de Coimbra] > [um monte de [sugestões]].

Para discutir esse tópico, será considerada a representação simbólica da construção, tal como apresentada em Croft (2001).

Figura 1 - Modelo de estrutura simbólica da construção.



Fonte: Traduzido de Croft (2001, p. 18).

De acordo com Croft (2001), são características da forma de uma construção suas propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, e são características do sentido suas propriedades semânticas, pragmáticas e discurso-funcionais. Essa proposta de convencionalização entre o polo da forma e o polo do sentido mostra como as construções são específicas de cada língua e são ancoradas e moldadas no uso. Obviamente, a base cognitiva é tomada como *default* e, assim, deve-se considerar o uso na extensão com que se relaciona aos diferentes modos como os falantes de uma dada língua constroem a realidade à sua volta.

No presente trabalho, entendemos que a construção especificadora possui um núcleo – *monte* – que é qualificado por um sintagma preposicional (*de + SN*). O sentido corresponde a um tipo de especificação (no caso de *monte de neve*, por exemplo, *monte* é especificado por meio da matéria pelo qual ele é composto) do núcleo. Já na construção quantitativa, *um monte de* pode ser entendido como um *chunk* – a parte da construção que, por alta frequência, constitui uma rotina neuromotora (BYBEE, 2006) – que funciona como o modificador de um núcleo que, neste caso, é o *SN*.

Persegue-se, pois, a validação da hipótese de que, para além da diferença de sentido, o que é mais notável entre os dois valores de *um monte de SN*, possa haver também uma diferença mais radical de forma. A discussão mais diretamente relacionada a esse elenco de critérios comparativos será apresentada seção 3 deste artigo.

1.2 Um monte de SN

De acordo com Langacker (1995), a gramática consiste em padrões que podem ser compostos por estruturas mais simples que se integram e formam expressões com um maior nível de complexidade. Duas ou mais palavras, quando combinadas, podem originar expressões compostas, as quais podem dar origem a uma outra expressão em um nível ainda mais complexo de composição e, assim, indefinidamente. Cada nível hierárquico é composto pela integração estabelecida entre as subpartes dos componentes, que são representadas pela integração fonológica entre elas, de modo que possa haver uma comparação entre os níveis.

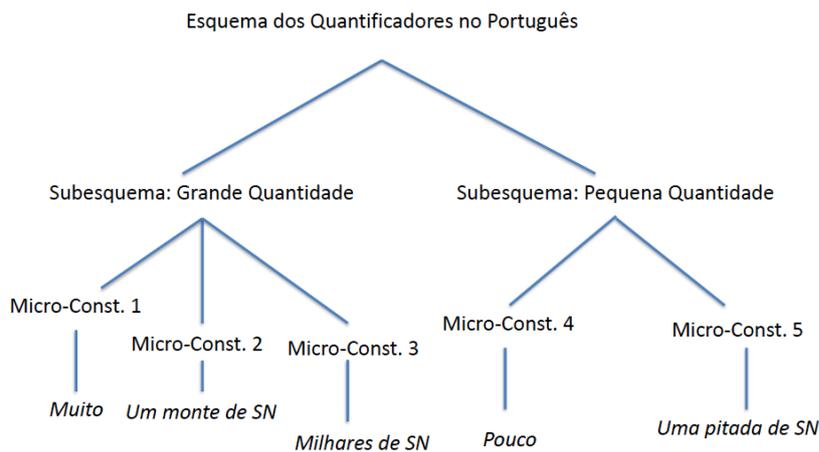
Sendo assim, Langacker (1995) entende que estruturas simples podem formar expressões com um maior nível de complexidade. No que tange o escopo do presente trabalho, entende-se que a sequência de elementos tomados individualmente (*um + monte + de*) originaram uma estrutura complexa, e passaram a ser reconhecidos e armazenados como uma única unidade (*chunk*), formando, assim, uma construção estruturalmente mais complexa e lexicalmente especificada no nível hierárquico baixo. Essa cadeia sintagmática, por sua vez, se apresenta na língua produtivamente ao lado de um SN, o qual é por ela modificado, e o qual é por ela *quantificado* (em *um monte de pessoas*, por exemplo, o referente *pessoa* passa a ser construído como uma entidade multiplicada no tempo-espaço).

Considerar a construção a partir de sua estrutura parcialmente preenchida – *um monte de SN* – faz sentido quando se lança sobre as construções um olhar diacrônico. Isso porque, embora se possa dizer que *um monte de* é a parte especificada de uma microconstrução de função quantificadora no português, já que é uma alternativa gramatical de se quantificar elementos, a consideração do SN com *slot* aberto é, por outro lado, fundamental. É na interação entre o(s) item(s) que instancia(m) SN com *monte* que reside a fonte da mudança da língua.

Segundo Fumaux, Alonso e Cezario (2017), com o tempo, *um monte de* passou a ser usado com itens que não combinavam semanticamente com a ideia de monte (*morro, montanha*). Sendo assim, ocorre o que Francis e Michaelis (2003) chamam de *mismatching*, ou seja, uma incongruência semântica entre os itens que instanciam a construção. Esse desarranjo semântico promove uma série de inferências sugeridas (TRAUGOTT; DASHER, 2005) que vão levando a uma nova relação entre *monte* e SN e reorganizam o modo como esses elementos se organizam dentro da cadeia sintagmática, a qual, mais adiante, afetará o sistema linguístico, uma vez que uma nova microconstrução do esquema dos quantificadores passará a vigorar na língua. E, assim, como previsto epistemologicamente, o sistema vai sendo modelado por interferência do uso.

O esquema dos quantificadores, como se pode ver na Figura 2, abaixo, ilustra como a microconstrução *um monte de SN*, uma vez construcionalizada, relaciona-se com outras na rede de construções do português. O esquema, obviamente, não esgota as possibilidades de microconstruções de pequena e grande quantidade da língua portuguesa.

Figura 2 – Esquema dos quantificadores no Português.



Fonte: Adaptado de Traugott e Trousdale, (2013, p. 17).

O processo por que passou *um monte de SN* a se configurar como uma unidade da língua, em vez de uma inovação do discurso é caracterizado por micromudanças, chamadas *mudanças construcionais* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), que ocorrem ou só no sentido ou só na forma de uma construção. Entretanto, para que uma nova construção seja formada, é imprescindível que as mudanças ocorram tanto na forma, quanto no sentido. A esse processo de surgimento de novas construções na língua se dá o nome de *construcionalização*.

A construcionalização ocorre a partir de mudanças construcionais no significado e também na forma de uma construção já existente. A construcionalização pode ser gramatical ou lexical, a depender do tipo de função que o produto do processo exerce na gramática: enquanto a construcionalização lexical produz construções lexicais, conteudísticas, a construcionalização gramatical, ao contrário, produz construções de função mais procedural, como as quantificadoras. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), para que ocorra a formação de uma nova construção, é necessário que haja mudança em três parâmetros, a saber: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. No caso da construcionalização gramatical, os dois primeiros sofrem aumento e o último sobre diminuição.

Na próxima subseção, o uso de *cunho* mais qualitativo, com função especificadora, ganhará atenção – representada por meio da configuração esquemática [um [monte] de SN]. Na subseção

subsequente, o foco recairá sobre o escopo mais estrito deste trabalho, que é a caracterização da construção quantitativa – representada por meio da configuração esquemática [um monte de [SN]].

1.2.1 [um [monte] de SN]

Sob a perspectiva diacrônica, conforme já mais detalhadamente discutido em Fumaux, Alonso e Cezario (2017), a análise do *corpus*² escolhido resultou em um primeiro dado de *monte* dentro de uma estrutura binominal datando o século XIV. De fato, nos três primeiros séculos da análise (XIV, XV e XVI), predominam exemplos do tipo *monte de geada*, *um monte de África*, *um monte de Atenas*. Estes dados foram interpretados como construtos vinculados à construção binominal especificadora, sendo o primeiro monte especificado pelo tipo de matéria de que é composto (*geada*) e os demais pela localização em que se encontra (*África* e *Atenas*, respectivamente). Ou seja, ao se dizer *monte de Atenas*, por exemplo, está-se especificando que ele se localiza em Atenas, e não em outro lugar, como uma forma de apresentar uma referência para identificá-lo, individualizá-lo.

Dados que estabelecem relações tipicamente especificadoras como as de localização, matéria, finalidade, entre outras, representam os usos mais prototípicos da construção de cunho mais qualitativo (especificador, em oposição ao quantitativo, quantificador), notada como [um [monte] de SN]. Nesses casos, há uma leitura mais composicional desses dados, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

- (3) || Isto he suaue & gostoso. Dir-se-a d as cousas de que gostarmos. Porque hymetos foy hum monte de athenas. Onde auia o melhor mel do mundo (*Corpus do Português*, século XVI)
- (4) o oriente foi-se esclarecendo de gradação em gradação, até que deixou ver o disco luminoso do sol. A cidade começou a erguer-se do seio das ondas, linda e graciosa, como uma donzela que, recostada sobre **um monte de relva**, banhasse os pés na corrente límpida de um rio. (*Corpus do Português*, século XIX)

Nos exemplos (3) e (4), aparecem usos que estabelecem uma relação de especificação entre *monte* e o elemento que instancia o *slot* do SN, por meio da identificação do monte por informação de localização ou matéria. Essa construção, de leitura mais composicional, oferece maior liberdade no que tange a relação dos constituintes sintáticos (o que será discutido mais à frente), no sentido de que apresentam um grau mais alto de analisabilidade – que diz respeito à capacidade do falante de

² A análise foi realizada com base no *Corpus do Português*, disponível em www.corpusdoportugues.org. O

reconhecer as partes componentes da construção como unidades morfossintáticas independentes. Nessa construção, por exemplo, é muito comum que o slot do determinante não seja preenchido e que, quando preenchido, haja uma variação grande em termos do tipo de item que o especifica: é muito comum aparecerem pronomes demonstrativos, por exemplo, nesta posição.

No século XVI, já foram encontrados dados que parecem ser os primeiros indícios de que mudanças construcionais poderiam afetar a construção especificadora. Dados periféricos de matéria como *um monte de peixe* e *um monte de corpos mortos* já anunciam um possível *mismatching* entre os itens e a construção, e, em decorrência, parece se instituir um contexto crítico frutífero pra inferência de quantidade. Nesses casos, há uma extensão metafórica com o formato do monte/morro em seu sentido mais referencial. Vejam-se os exemplos:

- (5) E destas aues dam de comer aos escrauos em Arguym e assy a qualquer outra gente que quiserem escolher as aues mais saborosas dellas que as comem tres nem 4 homens nom ousam de entrar porque as aues pelejam rijamente tem seus nidos como a pedres perto hûu do outro e antre elles hûu camjnho que os velhos passam e a cada njnho **hûu monte de peixe** / De Arguym a oyto legoas esta outra ylha chamada Taraffal / E esta he chea de lenha. (*Corpus do português*, século XVI)
- (6) e per um olho lançava as lágrimas e per outro vertia sangue de ûa seta que lho quebrara, té que na entrada da nau foram os mouros dar com ele, onde acabou sobre o corpo de seu senhor como leal criado e especial cavaleiro, porque, primeiro que o matassem, fez **um monte de corpos mortos**, debaixo dos quais ficou enterrado o de seu senhor e ele sobre eles. (*Corpus do português*, século XVI)

Em (5), os *peixes* estão empilhados no ninho, assim como os *corpos mortos* estão uns sobre os outros. A configuração do morro se aproxima da ideia de pilha e rapidamente a associação imagética se revela via expressões metafóricas no uso da língua. Esses casos não deveriam ser considerados exemplos de uma construção quantificadora por, pelo menos, três motivos principais: (i) como já colocado, os contextos evidenciam uma relação metafórica associando o formato do morro com a estrutura vertical virtual associada à noção de **empilhamento**; (ii) *peixes* e *corpos mortos* ainda se apegam a uma ideia geral da matéria (física) de que o monte é feito, agora construída em termos do processo de divisão (TALMY, 2006), ou seja, de unidades individualizadas (ao contrário da interpretação massiva de *geada* ou *relva*, por exemplo) que compõem o todo expresso por *monte*; e (iii) não há evidente produtividade no Português do século XVI, a ponto de que se possa postular uma construção quantitativa já nessa época. Esses seriam usos mais periféricos da construção especificadora de matéria que realizam no processo de expansão do tipo de SN que [um [monte] de SN] sanciona, ou expansão da classe hospedeira, nos termos de Bybee (2010).

Considerando que o sistema da língua é uma estrutura maleável que se molda no uso (e considerando os resultados apresentados em FUMAUX; ALONSO; CEZARIO, 2017), é de se esperar que, à medida que novos tipos de SN passam a instanciar a construção especificadora, a representação do padrão comece a ser afetada pela ação desses novos exemplares. Nessa direção, cabe agora a pergunta sobre em que direção essas mudanças construcionais promovidas pelos novos dados seguem. Seria possível se postular um esquema construcional do tipo [um monte de [SN]]? A próxima subseção tratará do uso quantificador de *um monte de SN* e a seção seguinte procurará apresentar argumentos para sustentar a tese de que a nova microconstrução apresenta uma mudança sintática radical (de núcleo) em relação à construção que lhe deu origem. Desta forma, o núcleo SN, na nova microconstrução, seria quantificado pelo modificador *um monte de*.

1.2.2 [um monte de [SN]]

Como já foi dito anteriormente, Traugott e Trousdale (2013) propõem que para que haja a formação de uma nova construção na língua é necessário que ocorram mudanças na forma e no sentido de uma construção já existente que deem origem a um novo pareamento.

Tendo isso em vista, deve-se ponderar que existe, evidentemente, um uso quantificador da cadeia sintagmática *um monte de SN* no português, que se mostra, inclusive, bastante produtivo, na medida em que licencia usos com os mais diferentes tipos de referentes – *um monte de circunstâncias, um monte de passarinhos, um monte de sangue, um monte de papéis, um monte de ideias mirabolantes*, e assim por diante. Assim, em nível microconstrucional, a postulação de uma construção quantificadora é bastante promissora. A questão que se coloca passa a se concentrar na diferenciação formal entre essas estruturas, ou seja, se a microconstrução quantificadora tem, de fato, um núcleo sintático diferente da construção que está na base dos usos especificadores, ou se a diferença entre elas se limita ao grau de integração de suas partes componentes (*um; monte; de*). Ou seja, está-se tratando de um uso em que *um monte de* quantitativo apresenta maior grau de *entrenchment* (ou integração) ou de uma nova unidade da gramática, que possui função quantificadora no interior da nova microconstrução.

Conforme mencionado, Traugott e Trousdale (2013) defendem que, para que haja construcionalização gramatical (caso da formação de quantificadores), é fundamental que ocorra aumento da esquematicidade e produtividade e diminuição da composicionalidade. Assim, passa-se, a seguir, a considerar como esses três parâmetros afetam o uso quantificador de *um monte de*. O objetivo é, com isso, dar os primeiros passos na direção de se defender a existência de um novo nó na rede construcional – o surgimento da microconstrução binominal quantificadora com *monte*.

De acordo com o critério da esquematicidade, as construções podem ser formadas inteiramente por unidades lexicais fixas (*um monte de*) ou podem, ainda, ser parcialmente ou totalmente esquemáticas (com pelo menos um slot aberto). Assim, quando se recorta uma configuração sintática incluindo o SN, passa-se a tomar em conta uma estrutura parcialmente esquemática, já que o SN passa a ser um *slot* aberto na construção. Essa configuração mais complexa, como já se viu, mostra-se muito importante em análises diacrônicas em que a interação entre elementos da construção pode, a longo prazo, favorecer mudanças que promovam a formação de novas construções.

Conforme exposto em Fumaux, Alonso e Cezario (2017), a partir do século XVI, o uso de *monte* em colocações binominais em que *um* é recrutado como determinante passa a cobrir a esmagadora maioria dos dados observados no *corpus*, caminhando na direção de se atestar a premissa teórica de que a frequência de uso leva a mudanças no sistema da língua. Aparentemente neste século, as condições favoráveis à convencionalização do esquema binominal como uma construção da língua começaram a se apresentar. Assim, o *chunk um monte de SN*, pela alta frequência com que o SN regido pela preposição *de* ocorria seguindo *um monte*, foi-se abstratizando, via analogia e categorização (cf. BYBEE, 2010). Com isso, defende-se que, no decorrer da formação da nova microconstrução, o SN passou a ser um elemento não adjunto, mas requerido sintaticamente por *um monte de*, que o modifica (mudança construcional). Paralelamente, o *chunk um monte de* aparentemente também começou a se desenhar. Só nos séculos posteriores, porém, essas mudanças poderão ser claramente atestadas.

Considerando o critério da produtividade, Traugott e Trousdale (2013) destacam que esse está relacionado ao aumento da frequência *type* (referente aos tipos lexicais que um padrão licencia) e da frequência *token* (que corresponde ao número de vezes que certa forma pode aparecer em um texto). Nesse sentido, até o século XVIII, os dados mais tipicamente especificadores – como os casos de identificação do referente por local (*monte de Atenas*), matéria (*monte de relva*) etc. – correspondiam à maior parte dos dados, o que mostra ainda pouca mudança em relação à frequência *type*³.

A partir do século XIX, novos tipos lexicais passam a ocorrer na construção, afetando a sua frequência *type* e gerando conseqüente aumento da produtividade. Como era de se esperar, o aumento de dados de usos mais periféricos, especificamente os de matéria, – que indicavam o tipo de matéria pela qual o monte era composto (há, por exemplo, ocorrência significativa de substantivos empilháveis ou que significassem um agrupamento/reunião), da construção parece ter promovido, ao longo do tempo, uma ampliação da classe hospedeira. Nesse século, com base na análise de dados, ainda não se pode observar um aumento do uso de *um monte de* multiplicando SN. Situação diferente se apresenta no século XX, em que o substancial aumento da ocorrência de *um monte de SN* com

³ Para mais detalhes sobre a análise diacrônica, ver Fumaux, Alonso e Cezario (2017).

leitura quantificadora passa a configurar a maior parte dos casos encontrados, acreditando-se que o processo de construcionalização da microconstrução *um monte de SN* esteja evidenciado⁴ (cf. Fumaux, Alonso e Cezario, 2017).

No que tange a composicionalidade, pode-se dizer que uma construção é composicional quando seu sentido final corresponde à soma dos sentidos de suas partes. Na construção quantificadora, não é possível depreender o significado de *um monte de* a partir do sentido de suas partes tomadas individualmente. Isto significa que esta construção não é composicional, fato que se relaciona diretamente à maior integração sintática entre seus componentes, ou seja, à menor analisabilidade das suas unidades integrantes (para aprofundamento da relação entre composicionalidade e analisabilidade, ver Traugott e Trousdale, 2013).

Colocado resumidamente, assume-se o argumento de que a ampliação da classe hospedeira da microconstrução especificadora até a formação de uma nova microconstrução quantificadora tenha se dado, de forma crescente, da seguinte maneira: usos prototipicamente especificadores que promovem relação de localidade ou de matéria etc., entre os nomes instanciando a construção > usos periféricos de matéria em contextos críticos com elementos empilháveis ou com sentido de agrupamento/reunião (e inferência de quantidade) > usos que estabelecem relação quantificadora entre os elementos da construção.

A leitura quantificadora no século XX se mostra tão produtiva, que referentes cada vez mais distantes da ideia de *monte* como formação geológica são recrutados, como se pode ver no exemplo a seguir:

- (7) Mas, se você não é muito exigente com os filmes que vê e só quer se divertir com **um monte de sangue**, ação e algumas piadas, pode ser que o programa acabe agradando. (*Corpus do português*, século XX).

Este exemplo demonstra que o significado de morro/montanha se tornou opaco na construção com sentido de quantidade, e pode, inclusive, não ser facilmente recuperado pelos falantes do português, dada a incompatibilidade entre *monte* (formação geológica rígida) e a natureza líquida do sangue.

Embora pareça bastante acertado presumir a existência de uma microconstrução recorrente na língua como o é *um monte de* quantificador, esse fato esbarra em um desafio central para a comprovação desta tese, que concerne à discussão em torno da manutenção, ou não, do núcleo

⁴ Fumaux, Alonso e Cezario (2017) demonstram em seu trabalho que 67% dos dados no século XX possuem uma leitura quantificadora e são classificados na categoria MULT., aquela em que há uma relação de multiplicação dos referentes a partir de *um monte de*. Há ainda outras categorias, consideradas não quantificadoras, as quais são minoria no século XX.

sintático da construção especificadora – [um [monte] de SN] – na construção quantificadora. A subseção a seguir tem como intuito encarar mais precisamente este objetivo.

2. A questão do núcleo

Croft (2001), em sua versão radical da gramática de construções, mostra que, para o inglês, há uma mudança de foco se comparadas construções como *I broke a coffee cup* (Eu quebrei uma xícara de café) e *I drank a cup of coffee* (Eu bebi uma xícara de café). No primeiro caso, o foco recai sobre o objeto e, no segundo, sobre a quantidade de café ingerida. Segundo o autor, o inglês fornece artifícios gramaticalizados para marcar essa distinção, oferecendo duas estruturas com núcleos sintáticos diferentes, uma para cada leitura.

Alonso (2010) discute essa questão para o português, levantando a questão de se, ao se comparar, *uma xícara de café* em *Eu quebrei uma xícara de café* e *Eu bebi uma xícara de café*, também haveria uma mudança de foco acompanhada de mudança de núcleo. A autora propôs que, no primeiro caso, com o verbo **quebrar**, o núcleo é **xicara** e, no segundo caso, com o verbo **beber**, o núcleo é **café**.

Essa proposta reaparece nesta pesquisa, na medida em que se pergunta se *um monte de pessoas*, por exemplo, apresentaria como núcleo o nome **pessoas**. Tendo isso em vista, serão apresentadas algumas considerações que fomentarão a discussão proposta.

2.1 Substituição por elemento quantificador

Uma das hipóteses que norteiam o presente trabalho recai sobre a ideia de que, com o aumento da frequência de uso de *um monte de* quantificador, essa cadeia sintagmática passe a ser armazenada como um *chunk*, ou seja, como uma única unidade cognitiva. Os exemplos a seguir parecem corroborar com essa ideia. Vejam-se os usos a seguir:

(8) um monte de pessoas

(9) muitas pessoas

Comparando (8) e (9), é possível perceber que *um monte de*, tomado como um todo, é claramente substituível por um pronome indefinido, no caso, *muitas*. Essa substituição constitui um argumento para mostrar que o falante é capaz de categorizar esse *chunk* como um elemento

quantificador do esquema dos quantificadores, onde se colocam os pronomes definidos, numerais, por exemplo – o que aparece aqui ilustrado na Figura 2.

Essa possibilidade de substituição por elemento quantificador, que ilustra também o maior grau de integração sintática entre os elementos constituintes desse *chunk*, pode ser vista, de forma semelhante, em um outro teste de substituição, como o que se apresenta a seguir:

(10) um monte de pessoas

(11) uma montanha de pessoas

(12) *um morro de pessoas

Os exemplos (10), (11) e (12) reforçam a ideia de que a construção apresenta função quantificadora e possui leitura mais idiomática. No caso, apenas se mostram gramaticais na língua usos como *um monte de* (mais amplamente usado, aparecendo em diferentes colocações) ou *uma montanha de* (aparentemente usado de forma mais restrita em termos das colocações em que se realiza – combina-se mais com termos empilháveis –) uma vez que ambos são cadeias sintagmáticas construcionalizadas (microconstruções com diferentes graus de analisabilidade e composicionalidade), no português. Além disso, também se há de considerar que a construção recruta *monte* e *montanha*, que aparecem em outros contextos em construções de inferência quantitativa (*falei um monte; montanhas de papéis*, etc.).

Por outro lado, o nome *morro* é bloqueado pela construção, o que mostra o baixo grau de composicionalidade da forma, que impede, inclusive, substituição por sinônimo. Isso não aconteceria, aparentemente, se o núcleo fosse *monte*. Não seria impossível, por exemplo, em contextos muito favoráveis, que *morro* fosse usado, via metáfora, para ilustrar a ideia de *pilha* comumente expressada por *monte* e, em menos frequência, por *montanha*.

(13) Aquilo parecia uma montanha de tantos livros.

(14) Aquilo parecia um morro de tantos livros.

(15) Aquilo parecia uma montanha de livros.

(16) *Aquilo parecia um morro de livros.

Os exemplos (13) e (14) evidenciam que a metáfora ligada a um esquema virtual de verticalidade está disponível para a palavra *morro*. O que parece realmente ser bloqueado é o recrutamento deste item na construção binominal quantificadora. O *chunk* é resultado de repetição, pois é uma rotina cognitiva, e isso, em nível microconstrucional, é refletido na sistematicidade com que uma dada colocação ocorre na língua. Ou seja, não é apenas específica de uma dada língua, mas afeta diretamente a colocação em si. Todos esses argumentos vão, juntos, compondo a argumentação em prol da tese de que o falante interpreta *um monte de* como quantificador que modifica o *SN*.

2.2 Retomada anafórica

Um dos argumentos que se pode considerar para se construir a tese de que, em *um monte de pessoas*, por exemplo, o núcleo seria *pessoas*, é a possibilidade de se fazer referência anafórica com pronome no feminino plural, por exemplo. Comparem-se:

(17) Chegou um monte de pessoas_i.

(18) *Ele_i chegou.

(19) Elas_i chegaram.

A retomada por pronome anafórico no feminino plural, em contraste com o resultado agramatical quando se faz a retomada concordando com *monte* no masculino singular, é um dos argumentos que se pode oferecer em favor da tese de que *um monte de* atua como modificador (com função quantificadora) do *SN*, que passa a ser entendido como o núcleo da construção *um monte de SN*.

2.3 Concordância número-pessoal

Rodrigues (2011), em um texto sobre concordância verbal com construções partitivas e equivalentes, dentro do quadro teórico gerativista, afirma que:

São pontos de discussão se os quantificadores são categorias funcionais ou lexicais, se apresentam uma projecção QP (quantifier phrase) própria ou não, se agem como modificadores do nome ou como um núcleo que seleciona o nome. Também há posições divergentes quanto ao status e ao papel desempenhado pelo elemento preposicional – se atuaria como marcador de caso ou como uma preposição. (RODRIGUES, 2011, p. 94)

A autora afirma que cadeias sintagmáticas como *um monte de + SN* podem assumir uma leitura descritiva (que se aproxima àquela que se vem chamando de especificadora) e uma leitura quantitativa (ou quantificadora, como referida neste texto). Sendo assim, ela afirma que a concordância verbal é um fator que acompanha a diferença de leitura possível. Para tanto, ela propõe uma comparação entre “um monte de livros caiu” e “um monte de livros caíram”. A leitura descritiva seria, segundo RODRIGUES (2011), evidenciada pela concordância no singular, no primeiro exemplo, enquanto a leitura quantitativa seria representada no segundo exemplo, com a concordância no plural.

A proposta da autora vai ao encontro do que se discute neste texto, uma vez que reforça, no mínimo, a dificuldade de tratamento dessa expressão em termos sintáticos, dada a sua incontestável riqueza semântica. No caso das microconstruções binominais com *monte*, a alternância de núcleo sintático parece receber um argumento de reforço, a partir da descrição da autora, já que a morfologia verbal evidencia a informação dentro da construção binominal que está sendo tomada como foco principal de atenção. O foco caindo sobre *livros* parece, em termos construcionistas, ilustrar um artifício da gramática para a seleção do núcleo sintático da construção.

2.4 Apagamento de núcleo

Alonso (2010), descrevendo sintaticamente construções binominais quantitativas, compara exemplos análogos ao que está sendo discutido neste artigo, mostrando que construções qualitativas (aqui, especificadoras) permitiriam apagamento de núcleo, enquanto construções quantitativas (aqui, quantificadoras) não. Fazendo algumas adaptações ao que foi proposto pela autora, aplica-se um teste de apagamento análogo aos casos com *monte*, como apresentado a seguir:

(20) Pedro fotografou um monte de Atenas e um monte de Lisboa.

(21) Pedro fotografou um monte de Atenas e um \emptyset de Lisboa.

(22) Pedro fotografou um monte de pessoas e um monte de flores.

(23) *Pedro fotografou um monte de pessoas e um \emptyset de flores.

O teste de apagamento procura evidenciar que o núcleo é facilmente apagado quando a cadeia sintagmática recebe leitura especificadora, mais composicional, como o que se vê na relação entre os exemplos (20) e (21). Ao contrário, os exemplos (22) e (23), que possuem uma leitura quantificadora, ilustram o fato de que *monte*, nestes casos, não pode ser apagado. Nos exemplos citados, a cadeia

sintagmática *um monte de* possui uma leitura idiomática, atuando de maneira similar a outros quantificadores como *muito*, por exemplo. Sendo assim, o apagamento de *monte* no exemplo (23) parece ser pouco provável de acontecer, já que o sentido quantificador só é possível a partir da sequência de palavras *um + monte + de* atuando como um *chunk*, elemento multiplexador dos referentes *pessoas* e *flores*, o que nos leva ao entendimento de que *monte* nos exemplos de uso quantificador não deve atuar como o núcleo de SN.

Para melhor entendimento, tomem-se os exemplos a seguir:

(24) Maria encontrou um monte de amigos.

(25) *Maria encontrou um \emptyset de amigos.

(26) Maria encontrou um monte.

Os exemplos (24) a (26) parecem demonstrar que há, possivelmente, um *chunk* menos complexo envolvido nessa construção – a saber: *um monte*. Assim, considerando aumento progressivo da complexidade estrutural do escopo da presente pesquisa, é possível que o falante da língua tenha armazenado os seguintes *chunks*: *um monte*; *um monte de*; *um monte de SN*. Em termos gramaticais, pode-se dizer que o falante reconhece a relação sintático-semântica dessas unidades da rede construcional, bem como o modo como se distribuem em termos de uso da língua.

2.5 Valor adverbial

A existência de um *chunk um monte* poderia levar ao questionamento de se a preposição *de* compõe ou não o *chunk* quantificador *um monte de*. Em português, *um monte* tem caráter adverbial e ocorre seguida de verbo, compondo a microconstrução *V um monte*, como o que ocorre em casos do tipo *Eu malhei um monte naquele dia*.

A questão que se defenderá aqui é que a consciência do falante de que *um monte* tem uma distribuição sistemática na língua, independente de *um monte de* – o que levou *um monte*, em si, a ser armazenado como um *chunk* – não anula a existência do referido *chunk* quantificador mais complexo, mas afeta provavelmente a sua analisabilidade, no sentido de aumentá-lo.

2.6 Substituição por *montão*

Um outro fator que parece afetar a analisabilidade de *um monte de* é o fato de que *monte*, quando em contexto de construção quantificadora (binominal ou não) ou intensificadora, pode aparecer no aumentativo – *montão*. Esse fato ilustra que *monte* ainda é analisável, pois o falante é capaz de modificá-lo em termos morfossintáticos. Contudo, defendemos, nesta pesquisa, que o uso de *montão* em uma construção quantificadora atua sobre a ideia da quantidade e não sobre o monte/morro em si. Entendemos que *montão* não é um aumentativo de *monte* (entendido como montanha ou morro). Assim, quando se quer fazer referência a uma quantidade ainda maior, muitas vezes o falante deixa de usar *um monte de pessoas* (muitas pessoas), para fazer uso *um montão de pessoas* (mais pessoas ainda). *Montão* só se coloca como uma alternativa a *monte* nos casos em que, reconhecidamente, *monte* instancia uma construção de cunho quantificador ou intensificador. Sendo assim, a analisabilidade, nesses casos, é um argumento em favor da idiomaticidade da construção.

Considerações finais

O artigo apresentou uma discussão acerca da formação da microconstrução *um monte de SN*. Foi defendida a ideia de que usos tais como *um monte de África* e *um monte de pessoas* não sejam exemplos de uma mesma construção. A primeira trata de uma instância da construção especificadora, havendo o determinante, *um*, o núcleo *monte* e o Sprep modificador *de África*. Já a segunda é uma construção parcialmente esquemática composta de uma microconstrução quantificadora (*um monte de*) e de um SN, no exemplo, *pessoas*.

Esses testes, juntamente com a análise qualitativa que expusemos nas seções antecedentes e os resultados quantitativos anteriormente apresentados em Fumaux, Alonso e Cezario (2017) demonstram que *um monte de SN* é uma nova construção na rede linguística dos falantes do português. Julga-se que a nova construção, embora ainda analisável, apresente um núcleo sintático diferente daquela que lhe deu origem.

Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso e, mais especificamente, no modelo de mudanças construcionais e construcionalização, é possível verificar como uma forma com função gramatical se desenvolveu a partir de usos periféricos da construção especificadora, após aumento dos tipos de elementos que apareciam como classe hospedeira (*um monte de pessoas, problemas, circunstâncias* etc.), aumento da esquematicidade e perda de composicionalidade.

Referências bibliográficas

- ALONSO, K. S. B. **Construções binominais quantitativas e construção de modificação de grau: uma abordagem baseada no uso.** Tese de doutorado em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. (Org.). **Usage based models of language.** Stanford, California: CSLI Publications, 2000.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. **Language change.** Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CEZARIO, M. M.; FURTADO, M. A. **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta.** Rio de Janeiro: Mauad-X, 2013.
- CROFT, W. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective.** Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. *In* Ewa Dabrowska and Dagmar Divjak (eds.), **Handbook of Cognitive Linguistics**, 295-321. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.
- FUMAUX, N. C.; ALONSO, K; CEZARIO, M.M. Construcionalização de um monte de SN: uma abordagem centrada no uso. Espírito Santo: **Revista Percursos Linguísticos**, v. 7, n.14, p. 139-158, 2017.
- FRANCIS, E. J., MICHAELIS, L. A. (Org.). **Mismatch: form-function incongruity and the architecture of grammar.** Stanford, CA: CSLI Publications, 2003.
- GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure.** Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language.** Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG A.; CASENHISER, D. English Constructions. **Handbook of English Linguistics.** *In:* April McMahon and Bas Aarts (Ed.) Blackwell Publishers, 2006.
- HILPERT, M. **Construction Grammar and its Application to English.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- LANGACKER, R., W. Possession and possessive constructions. *In:* **Language and the cognitive construal of the world.** Ed. by John R. Taylor; Robert E. MacLaury. Berlin/New York : Mouton de Gruyter, 1995
- MARTELOTTA, M. E. **Mudança Linguística: Uma Abordagem Baseada No Uso.** São Paulo: Cortez, 2011.
- RODRIGUES, E. Concordância verbal com construções partitivas – uma proposta de análise. Juiz de Fora: **Veredas**, n.1, p. 93-107, 2011.

TALMY, L. Grammatical construal: the relation of grammar to cognition. *In: GEERAERTS, D. (Org.). Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin/Nova York: Mouton de Gruyter, 2006.

TRAUGOTT, E. C. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. *Cognitive Linguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, v. 18, n. 4, p. 523-557, 2007.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers

in English. *In: ECKARDT, R.; JÄGER G.; VEENSTRA, T. (Ed.). Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **G. Constructionalization and Constructional Change**. Oxford University Press: Oxford, 2013.